

Cantos populares do
Brasil

SÍLVIO ROMERO

Cantos populares do
Brasil

Introdução e notas comparativas
Teophilo Braga



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Sílvio Romero

Imagens
Nadia Grapes/shutterstock.com

Revisão
Catrina do Carmo

Design de capa
Ana Dobón

Diagramação
Linea Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R763c Romero, Sílvio

Cantos populares do Brasil / Sílvio Romero. - Jandira : Principis, 2021.
320 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura)

Título original: Cantos populares
ISBN: 978-65-5552-436-9

1. Músicas populares. 2. Cantos populares. 3. Brasil. I. Romero, Sílvio.
II. Título. III. Série.

2021-1240

CDD 781.63

CDU 784.4

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Músicas populares 781.63
2. Músicas populares 784.4

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Advertência	7
Sobre a poesia popular do Brasil	9
Primeira série	25
Segunda série	185
Terceira série	217



Advertência

Esta coleção de *Cantos populares do Brasil* estava pronta há seis anos. A coletânea foi feita diretamente pelo signatário destas linhas em Pernambuco, Sergipe, Rio de Janeiro e, em menor escala, na Bahia e Alagoas.

Dos escritos sobre este assunto de Celso de Magalhães, José de Alencar, Couto de Magalhães, Carlos de Koseritz, Carlos Miler e Teophilo Braga, o coletor separou alguns espécimes da nossa poesia popular. Araripe Junior, Franklin Távora e Macedo Soares enviaram-lhe, espontaneamente, alguns subsídios. Tudo isso é notado no decorrer do volume. Aquilo que não foi coletado por nós francamente o declaramos.

A obra se divide em quatro partes: *Romances e Xácaras*, *Reinados e Cheganças*, *Versos gerais*, *Orações*. Leva um apêndice contendo uma silva de *Quadrinhas* soltas do Rio Grande do Sul, que devemos ao senhor Carlos de Koseritz.

A primeira parte encerra os *Romances e Xácaras* de origem portuguesa e os célebres *Romances de Vaqueiros*, que constituem um dos ciclos mais importantes da nossa poesia popular.

A segunda consta dos versos cantados nas *Janeiras*; aí, ao lado da poesia herdada, há muita inspiração puramente local e brasileira.

SÍLVIO ROMERO

Na terceira parte, a que conservamos a denominação que tem em Sergipe, afastamo-nos do método geralmente seguido, que consiste em enfeixar uma multidão de *quadrinhas*, constituindo uma *silva*.

Notamos que, na tradição, estes versos andam agrupados, todos harmônicos, que têm um sentido determinado. Os versos são repetidos em seções distintas, e nós as conservamos.

A quarta e última parte é exígua e de pequeno interesse ao par das outras. Nada temos a dizer aqui sobre o modo por que encaramos a poesia anônima do Brasil. Este trabalho já foi feito nas páginas da *Revista Brasileira*, e os daremos em volume nesta série.

Resta-nos apenas agradecer a todos aqueles que nos ajudaram nesta ímproba tarefa e, especialmente, aos senhores Teophilo Braga e Carrilho Videira, que tão brilhantemente se ofereceram para salvar das traças esta coleção, que foi repelida pelos livreiros e editores brasileiros com o mesmo horror com que se foge da peste.

SÍLVIO ROMERO

Rio de Janeiro – novembro de 1882



Sobre a poesia popular do Brasil

A população do vasto território do Brasil, constituída pelo elemento preponderante da antiga colonização e da atual emigração portuguesa, pela convivência da raça negra e pela mestiçagem com os povos indígenas, adquiriu caracteres próprios de ordem sentimental, intelectual e econômica que a levaram a afirmar a sua individualidade de nação. Existe uma nacionalidade brasileira superior a todas as combinações da política e dos interesses dinásticos, formada pelas condições fatais da etnologia e da mesologia, e à qual a marcha histórica das suas lutas pela independência e do seu conflito com as velhas civilizações europeias vem completar a obra da natureza, dando-se o relevo moral, o caráter e o destino consciente no concurso simultâneo de todos os seus fatores. A nacionalidade brasileira está neste período de transição; os vestígios tradicionais dos seus elementos constitutivos acham-se em contato, penetram-se, confundem-se entre si para virem a formar a poesia de um povo jovem e é o tema fecundo de belas criações literárias e artísticas de uma civilização original. É neste momento único na história da formação de uma nacionalidade que os *Cantos*

populares do Brasil foram coletados, adquirindo, por isso, o valor de um documento importantíssimo, que viria a obliterar-se com certeza; nesses cantos, há ainda as suturas distintas dos seus elementos primordiais, e há a feição definida que começa a caracterizar o gênio brasileiro na literatura e na arte. À parte o interesse que se liga a este documento etnológico, os *Cantos populares do Brasil* apresentam um duplo valor, porque trazem os temas tradicionais sobre o que a nova literatura brasileira tem de assentar às suas bases orgânicas, e porque são a irradiação remota dos vestígios tradicionais deixados pelo povo português na época da sua grande atividade e expansão colonizadora.

O Brasil, cuja poesia tanto desvairou pela imitação do subjetivismo byroniano, e cuja Literatura nascente se amesquinhou seguindo longo tempo o nosso atrasado romantismo europeu, só poderá achar o seu caráter original conhecendo e compreendendo o elemento étnico das suas tradições populares. O vigoroso crítico e inteligente professor Sílvio Romero, coordenando a coleção dos *Cantos populares do Brasil*, completa o pensamento fundamental da sua *Introdução à História da Literatura Brasileira*, apresentando a matéria-prima de criação anônima para ser elaborada pelos gênios individuais. A fundação da literatura alemã começou pelos trabalhos de exploração científica sobre as antigas tradições do gênio germânico; em Portugal, Garrett, ao iniciar a transformação romântica da literatura, presentiu o critério novo, interrogando em seu *Romanceiro* a tradição popular. Os escritores mais originais e queridos do povo português, os que exerceram uma ação mais profunda, como Gil Vicente e Camões, Jorge Ferreira e Garrett, foram os que se inspiraram diretamente das tradições populares; e assim como por estas se avalia a originalidade e fecundidade das criações literárias, são elas também o meio mais seguro de atuar na consciência nacional e de infundir vigor no seu individualismo.

Cantos populares do Brasil é o depósito augusto conservado da vida moral transmitido pela mãe pátria: sob este aspecto, ele vem completar a tradição portuguesa, tão apagada já no continente e tão vigorosa nas colônias

distantes, como se vê pelos opulentos tesouros dos *Cantos populares do Arquipélago açoriano* e pelo *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*. Esse fato é uma lei da história que se confirma com a poesia de outras nações; é nas colônias distantes que se dá a persistência tradicional, que vem a reagir no renascimento moral da metrópole. Nas colônias gregas da Ásia Menor, nas lutas de assimilação entre as tribos jônicas e eólicas, é que se elaboraram as epopeias homéricas, que deram à Grécia essa coesão moral com que resistiu à invasão da Pérsia, salvando os destinos da civilização do Ocidente¹. Dá-se o mesmo fenômeno com a Itália, cujos veios tradicionais apresentam a sua maior riqueza nas ilhas da Sicília, da Sardenha e da Córsega, como o afirma Rattery; e enquanto a Espanha era asfixiada pelo intolerantismo católico, que, pelos seus *Índices expurgatórios*, proibia os cantos do povo, faziam-se as primeiras coleções de Cantos tradicionais de Nájera e Martín Nucio, para acudir as necessidades de sentimento dos soldados expedicionários nas guerras da Itália e dos Países Baixos. Também as primeiras investigações da poesia tradicional da Finlândia, pelo bispo Portan, em 1786, só se tornaram fecundas quando novos eruditos, como Topelius, em 1820, e Lönnrot, em 1832, levaram as suas investigações fora da própria Finlândia, pelas colônias dos emigrantes de Arkhangel, no distrito de Wuokkiniemi, na Carélia, na Lapônia e na Sibéria. Na Pequena Rússia, dá-se um fato semelhante: “Conhecem-se as *bylinas* russas que celebram os feitos de Vladimir, príncipe de Kief, d’Ilia, de Alechá Popovitch, e outros derrubadores de tártaros e dragões. O que há aqui de estranho é que essas *bylinas* são cantadas de um ao outro extremo da Grande Rússia, a ponto de se coligirem sobre o Onega, sobre o Moscova, sobre o Volga, ao passo que, na Pequena Rússia, são desconhecidas do povo. É precisamente nos arredores dessa cidade de Kief, em cujas barreiras velaram os heróis dessas lendas e que conserva nas suas catacumbas o corpo de Ilia de Murom, que o aldeão perdeu completamente a memória dos seus feitos”.²

¹ Ottf. Müller, *Hist. da Literatura grega*, t. I, p. 92, trad. Hildebrand.

² Rambaud, *O Congresso archeológico de Kief*. (Rev. des Deux Mondes, 1874, p. 803).

No renascimento da poesia tradicional portuguesa, repete-se este fenômeno importante de ser na emigração que Garrett conheceu a existência de um romanceiro nacional, e de ser do elemento colonial que provieram as principais riquezas poéticas que acordaram o interesse dos críticos. Costa e Silva coligiu da versão oral de uma senhora de Goa o romance popular da *Donzela guerreira*, que imprimiu como tema originário do seu poema *Isabel* ou a *Heroína de Aragão*; e Garrett, recordando-se da sua infância, aponta a circunstância que o levou ao desenvolvimento do seu romanceiro: “Foi o caso, que umas criadas velhas de minha mãe, e uma mulata brasileira de minha irmã, apareceram sabendo vários romances...”³ Aqui o fenômeno individual explica o fenômeno social; a colônia conserva o estado da civilização que recebeu em uma dada época e que o isolamento torna estável, da mesma forma que o indivíduo quanto mais se imerge nas ínfimas camadas sociais mais persiste na situação psicológica rudimentar de que já estão afastadas as classes cultas. Tal é o fenômeno da sobrevivência dos costumes entre o povo. Na investigação dos *Cantos populares do Brasil*, a vitalidade da tradição poética despertou o interesse dos críticos longe da capital, no Maranhão, onde o malogrado Celso de Magalhães começou a sua colheita de Romances, em Sergipe, terra natal de Sílvio Romero, que continuou em Pernambuco as suas pesquisas durante o curso acadêmico, e no Rio Grande do Sul, onde Carlos Koseritz coligiu os cantos líricos. Além do seu valor nacional, estes trabalhos vêm completar a série de investigações na área colonial, tão fecunda como se vê pelos Romanceiros dos arquipélagos dos Açores e Madeira, e que agora nos explicam a razão por que é que Portugal sobreviveu sempre como nacionalidade através das mais profundas catástrofes. É porque possuía uma tradição profunda.

Para atacar esta nacionalidade foi preciso fazer esquecer ao povo os seus cantos, substituindo-os por orações fúnebres. Dom João de Melo, bispo de Coimbra, mandou compor um catecismo e fê-lo decorar à força pelos povos das aldeias: “era muito para louvar a Deus ver andar os rústicos aldeanos trabalhando no campo, e juntamente cantando em lugar de

³ *Romanceiro*, t. I, p. XVI.

outras cantigas, a doutrina do papel, para lhes ficar na memória.”⁴ Sabe-se como o padre Ignacio de Azevedo arrebanhava as crianças sob o Pendão da Santa Doutrina e lhes fazia decorar versos de jaculatórias insulsas, e como frei Antônio de Portalegre metrificava a paixão para eliminar do vulgo o gosto dos romances heroicos. A tradição apagava-se em Portugal, e a nacionalidade caía e incorporava-se como província à Espanha sem protesto e sem dignidade. Pelas *Décadas* de Diogo do Couto é que se conhece como a tradição revivescia nas conquistas da Índia; traz o cronista muitos romances alusivos a fatos históricos e a situações notáveis. Citaremos algumas das suas referências:

Pelos campos de Salsete
mouros mil feridos são;
vai-lhes dando no encalço
o de Castro Dom João.
Vinte mil eram por todos...

(*Década* VI, liv. 4, cap. 10).

Satirizavam em Goa o vice-rei Dom Constantino de Bragança com este romance:

*Mira Nero da janela
Ia nave como se haria.*

(*Década* VII, liv. 9, cap. 17).

Década IV, livro 8, cap. 11, traz esse estribilho lírico:

Olival,
Olival verde,
Azeitona preta,
Quem te colhera!

⁴ Padre Manoel Bernardes, *Últimos fins do homem*, p. 405.

SÍLVIO ROMERO

E com relação a dadas situações dos guerreiros, alude aos romances com que entre se entendiam:

Dom Duarte, Dom Duarte
mal cavaleiro provado.

(*Década VII*, liv. 5, cap. 3).

Entram os gregos em Troia
Três a três e quatro e quatro.

(*Ibid.* VIII, cap. 32).

Vámonos, dixo mi tio,
a Paris, essa ciudad
nom en trajos de Romeros
porque no os conosca Galvan...

(*Ibid.* IX, cap. 12).

Nas obras de Camões, há muitas referências aos romances tradicionais, sobretudo nas Cartas que escreveu da Índia; vê-se que longe da metrópole a poesia conservava todo o seu vigor. Estes fatos nos levam a inferir que, na primeira época da colonização do Brasil, deveria ter existido uma forte corrente de poesia tradicional, não inferior à que se manifestava na Índia; porém os documentos faltam, e o único trecho citado pertence ao elemento negro, o *Vem cá, Vitu*. O que se pode concluir, sendo o elemento colonial do Brasil o mesmo que o da Índia, é que as tradições poéticas na população brasileira foram não só deturpadas pelas tradições da classe negra e do selvagem, como sistematicamente esquecidas pelo desprezo que sobre elas atraíram os jesuítas com a sua direção moral. O que os Jesuítas fizeram em Portugal repetiram-no no Brasil; o padre Fernão Cardim, descrevendo as aldeias de índios catequizadas, fala das crianças que eles educavam: “Estes meninos falam o português, *cantam a doutrina pela rua* e encomendam as almas do purgatório.”

Como é que renasceu a poesia tradicional nas diversas províncias do Brasil, a ponto de apresentar hoje uma eflorescência que espanta?

Explicamo-lo, além de uma persistência provincial espontânea, pela cooperação permanente da emigração portuguesa do Minho e em especial das ilhas dos Açores e Madeira. O romance do *Casamento malogrado*, (n.º 10) alusivo à morte do príncipe Dom Afonso, filho de Dom João II, que se repete em Sergipe, já sem sentido, é corrente nas versões açorianas, na ilha de Sam Jorge; o romance de *Juliana e Jorge*, (n.ºs 19 e 20) que se repete em Pernambuco e no Ceará, está esquecido em Portugal, e somente se repete na ilha de São Miguel, onde o coligiu o senhor Arruda Furtado. Podemos dizer que se perdeu na tradição continental, pois que subsiste apenas na Catalunha, na versão coligida por Milá y Fontanals. A endecha da *Mulatinha*, (n.º 34) que tende a obliterar-se na tradição de Sergipe na forma de parodia, acha-se unicamente na ilha da Madeira, com o título de *A Mulatona*, completa e com uma graça inexcelsível. A emigração portuguesa para o Brasil alimenta essa persistência tradicional sem, contudo, tirar a cada província o caráter da sua elaboração local. Pelas investigações de Celso de Magalhães, de Sílvio Romero, de Araripe Junior e de Carlos de Koseritz, já se pode definir a feição da poesia tradicional e popular de cada província. Na Bahia, a sede antiga da colônia, preponderou o elemento negro e um desenvolvimento de cantos líricos subordinados a esse baile lascivo tão característico chamado o baiano. Os pontos mais frequentados sofreram essa mesma obliteração tradicional, como se observa em Pernambuco com a sua população mercantil e marítima, e no Rio de Janeiro, onde prevaleceu a *modinha* conservada pelo elemento feminino. No Rio Grande do Sul, assiste-se à decadência e transformação dos cantos heroicos em líricos; ali se conserva o tipo daquela cantiga do século XVII:

Gavião, gavião branco,
Vai ferido, vai voando...

que Dom Francisco Manuel intercalou no *Fidalgo aprendiz*, que encantava tanto Garrett, e que ele debalde tentava acabar, quando a voz do povo corta a dificuldade com o improviso: